

CAPANEMA

"Eu jogo a liderança contra a aprovação desse projeto" — disse na Câmara o sr. Gustavo Capanema, referindo-se a uma lei que tornaria sem efeito os decretos de "rôlha" radiofônica. O melhor voto que eu poderia fazer ao sr. Gustavo Capanema seria este: que jogue, e que perca. Assim ele sairá ganhando, porque perder esse posto de "líder" da maioria, que tanto trabalho lhe custa e nenhum proveito ou honra lhe dá, só pode ser bom para o sr. Gustavo Capanema.

Como toda pessoa de memória péssima, tenho recordações surpreendentemente precisas de pequenas coisas sem importância acontecidas em dias distantes. Esse debate de agora me fez vir à memória uma conversa que tive com o sr. Capanema em meados de 1932, quando fui entrevistá-lo em sua casa, em Belo Horizonte. Acabada a entrevista, e enquanto esperávamos o cafêzinho, ele me perguntou se, além de trabalhar em jornal, eu estudava alguma coisa. Disse-lhe que estava na Faculdade de Direito, mas não sabia se valia a pena continuar o curso; de qualquer modo, não pretendia advogar. O sr. Capanema, que era secretário do Interior e antes, creio, tinha sido advogado militante, disse-me que achava a advocacia uma bela profissão, que eu deveria abraçar. Entre outras vantagens, disse ele, advocacia é uma escola de luta de grande utilidade; o advogado militante é um homem em luta permanente, que aprende a vencer ou contornar dificuldades, a lidar com amigos e adversários, a dominar a si próprio para melhor lidar com os outros. Disse-me que sua experiência de advogado lhe estava sendo muito útil na política e na vida. A advocacia é uma escola de vida. Mesmo se eu pretendesse fazer carreira no jornalismo, não deveria deixar de advogar, ao menos durante algum tempo.

Não segui o conselho, e creio que nunca mais me lembrei dele. Minha arrevezada e melancólica experiência de luta me veio mesmo do jornalismo e da vida, aos traços e barrancos; como toda experiência, ela é muito útil para nos fazer ter remorso das tolices praticadas, mas sem nenhuma eficácia para evitar novas

Se lembrei essa conversa distante, foi porque me ocorreu que o sr. Capanema não é propriamente um líder; é, sobretudo, um advogado do Governo.

Sente-se, em seus discursos ou apartes, que ele não está integrado no Governo; que ele defende os atos do governo como um criminalista defende um réu. Todo réu, naturalmente, merece defesa — este o pensamento que às vezes ele quase chega a traír. Não há nada, em nenhuma atitude sua, que denote convicção de estar defendendo uma boa causa; como o criminalista, ele não exalta os atos do réu, ele procura explicá-los e desculpá-los. E sua veemência (muito rara) é uma veemência típica de advogado de causa ruim — uma veemência fria, profissional, se assim se pode dizer. Não digo que seja um hipócrita; é um advogado que cumpre sua missão, e disso apenas extrai o prazer que um bom profissional pode sentir em trabalhar bem. É bem diferente um "líder" empolgado na defesa de idéias que um governo quer pôr em ação; de resto isso no caso não seria possível, pois esse governo não tem idéia nenhuma sobre coisa alguma.

Homem de conhecida honestidade pessoal, o sr. Capanema deve sentir, com frequência, engulhos diante do clima de corrupção e falta de escrúpulos, que é o clima desse governo. Mas esse governo é seu constituinte — e ele o defende, o bom advogado Gustavo Capanema, antigo militante no fóro de Pitangui.

28/9/53 R. B.